

Outra vez sobre a censura, a arte e o socialismo: uma homenagem à Gustav Klutsis

Via [Blog Comunistas](#)

à Carolina Barrero e Marcel Theodore Anthony Bosch; e Klutsis, é claro.

Exatamente 83 anos atrás, em 26 de fevereiro de 1938, o artista visual letão Gustav Klutsis foi baleado na União Soviética. Apenas três dias antes, o 20º aniversário da fundação do Exército Vermelho, formado por Leon Trotsky em 23 de fevereiro de 1918, havia sido comemorado.

A morte do artista letão foi uma das muitas que as purgas estalinistas reivindicavam. Além das falsas acusações apresentadas contra ele pela NKVD, os verdadeiros motivos pelos quais Klutsis foi baleado foram resumidos em dois grandes pecados. O primeiro e mais sério foi ter desenhado um cartaz em homenagem a Trotsky por ocasião do 6º aniversário do Exército Vermelho. A gravidade foi aumentada pelo fato de que o cartaz foi impresso em 1924, logo após a morte de Lenin, quando a batalha entre a oposição de esquerda (liderada por Trotsky) e Stalin estava chegando a um ponto sem retorno.

O outro grande pecado de Klutsis era simplesmente ser letão. Ao contrário de outras nações que faziam parte do império czarista, após o triunfo da Revolução Bolchevique em 1917, a Letônia não avançou para o socialismo, mas estabeleceu uma república burguesa. Assim, a pátria da Klutsis não foi incorporada à URSS até 1940, quando foi invadida pelo Exército Vermelho. Assim, ser um artista que havia prestado homenagem a Trotsky durante a luta contra Estaline – e um letão – era uma combinação perigosa na União Soviética de 1938.

Klutsis, que havia estudado primeiro com Kazmir Malevitch e depois na Oficina Superior de Estudos Artísticos e Técnicos (Vkhtumas) – conhecida como a “Bauhaus Soviética” – fez parte da vanguarda construtivista liderada por Alexander Rodchenko, Vladimir Tatlin, El Lissitsky e Várvara Stepanova.

Aparentemente, Klutsis não dedicou cartazes suficientes a Stalin ou não gostou tanto deles como os de Rodchenko, que não foi incomodado durante as purgas. A verdade é que os poucos cartazes onde o artista letão retrata Stalin não foram os clássicos cartazes épicos nos quais o Secretário Geral do Partido guiou a construção do futuro comunista.

Um de seus exemplos controversos é o cartaz “A realidade de nosso programa é o povo “real. Este é você e eu. Nela, a imagem triplicada de Stalin é mostrada marchando como uma entre um grupo de trabalhadores. Mas talvez o mais controverso esteja sob a orientação de Lenin. “Construção do Socialismo”. Neste cartaz, atrás de Lenin, Stalin espreita como uma sombra escura e desbotada. A regra – estabelecida tacitamente – foi que nos cartazes do Partido, Stalin foi colocado em primeiro plano, sobreposto ao rosto de Lenin – mesmo ao de Marx -, apresentando assim o novo Secretário Geral como a expressão mais acabada do marxismo-leninismo. Não raro, a figura de Lénin se limitava até mesmo a um retrato ou a uma bandeira.

Para entender a seriedade do assunto, devemos ter em mente a data em que Klutsis produziu estas obras (1931 e 1930, respectivamente). Durante esses anos, a oposição a Stalin dentro do Comitê Central não só foi derrotada, como também proibida. Líderes acusados de serem trotskistas ou “desvios de direita” foram demitidos, outros cederam e não poucos foram enviados para a prisão. As pressões da casta burocrática haviam levado o amigo e camarada Aldolf Joffe de Leon Trotsky a cometer suicídio no outono de 1927, apenas uma semana após o décimo aniversário da Revolução Bolchevique. Além disso, o próprio Trotsky, depois de ter sido expulso pela burocracia soviética em 1929, estava no exílio na Turquia.

Em 1931, apenas três anos antes do início das purgas estalinistas (1934-1939), era necessário ter artistas fiéis, especialmente aqueles que dominavam a fotomontagem: uma das características mais distintivas da vanguarda construtivista que emergiu nos Vkhutumas.

A fotomontagem seria uma das principais ferramentas do estalinismo para aperfeiçoar a reescrita da história. Trotsky chamaria mais tarde esta “a escola estalinista da falsificação”. Desta forma, não apenas os desonrados líderes bolcheviques foram apagados dos livros, mas também da iconografia soviética, e depois desapareceram literalmente.

A vida, a censura e o socialismo dos Klutsis cubanos

Durante 60 anos, a catedral de Florença, Santa Maria Novella, ficou sem cúpula. Filippo Brunelleschi o havia projetado sem saber como terminá-lo. Por sua vez, Vladimir Tatlin, também sem saber como e quando seria terminado, projetou uma obra arquitetônica gigantesca e bela no meio da guerra civil, mas desta vez em homenagem à Internacional Comunista. Entretanto, embora a cúpula de Santa Maria Novella tenha levado seis décadas, ainda hoje podemos vê-la. Em contraste, a idéia de Tatlin não só nunca se concretizou, como também a Internacional Comunista e a União Soviética desapareceram.

Em seu documentário antropológico requintado Anna, Nikita Mikhalkov argumenta que uma das principais razões pelas quais o sistema soviético desapareceu foi porque o projeto político bolchevique não tinha a alma cristã russa. Esta concepção idealista do colapso da URSS pode ser interpretada de outra forma: enquanto os Brezhnevs, Chernenkovs e Andropovs saudavam as massas do Kremlin, vendo-as desfilando com os ícones de seus novos deuses, a classe trabalhadora professava uma “espiritualidade” paralela às liturgias da burocracia.

Aqui está o principal perigo para o sucesso dos projetos comunistas: não é a possível inviabilidade dos Tatlins versus

a realização dos Brunelleschi, mas que os representantes do marxismo, uma vez no poder, tendem a se afastar da “alma” da classe trabalhadora. Uma das principais formas pelas quais as burocracias socialistas deixaram de ouvir o povo é censurando seus artistas e intelectuais. Eles pensam que ao silenciar aqueles que criticam seus erros da teoria e da arte, estes problemas desaparecerão. Muito pelo contrário. Nascem mais problemas: eles provocam descontentamento entre a intelligentsia.

Em Cuba, a relação dos sucessivos governos que encarnaram o projeto revolucionário com seus artistas e intelectuais passou do diálogo à abertura, da abertura à censura, quebrada novamente pelo diálogo, e de volta à estaca zero. Embora seja verdade que não houve nenhum “Klutsis cubano” que tenha sido baleado, não poucos Marc Chagall preferiram ir para o exterior para sempre, ou até mesmo acabaram na prisão como Malevitch – que nunca deixou voluntariamente a União Soviética -.

Décadas atrás, os relógios deixaram de ter pêndulos. O tempo corre livre em nossos telefones celulares junto com as redes sociais e todas as informações que a Internet traz em geral. A censura é cada vez mais obsoleta, o diálogo com artistas e intelectuais mais necessário e a abertura mais urgente.

Como conseguir essa abertura é algo que, em última análise, nossos líderes serão capazes de decidir. Entretanto, eles não devem esquecer que os relógios com pêndulos só existem em museus, ou no pavilhão do Kremlin, do qual, infelizmente – no Natal de 1991 – a bandeira vermelha caiu.

Epílogo

Hoje, parte do trabalho do artista letão Gustav Klutsis está exposto no famoso Museu de Arte Moderna de Nova York (MOMA). O presidente da Estônia – outra das repúblicas ocupadas pela União Soviética junto com a Polônia e a Letônia em 1940 – Nikolas Päät foi preso pelo Exército Vermelho durante a

intervenção militar e deportado para a URSS. Ele passou seus últimos anos em um hospital psiquiátrico. Relatórios médicos posteriores descobriram que o paciente sofria de “alucinações graves”, como ele afirmava ser “o presidente da Estônia”. Após o colapso da União Soviética, cresceu um forte anticomunismo nas repúblicas bálticas da Estônia, Letônia e Lituânia, que continua até os dias atuais. Em 1991, os governos desses três países proibiram o Partido Comunista e a maioria das estátuas de Lênin foi derrubada. Um dos maiores crimes de Stalin é que ele cometeu seus crimes em nome do comunismo. É imperativo que a militância marxista revolucionária demonstre que nem a censura nem a repressão são inerentes à construção do socialismo.